

Quixotismo contemporâneo ou o triunfo da vida

Cíntia SanMartin Fernandes
Cristiano Roque Antunes Barreira

MAFFESOLI, Michel (2007). *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno.* Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record. 223 p.



Resumo: A presente obra de Michel Maffesoli convida a duvidar dos pensamentos que apresentam como categorias analíticas o preconceito e o prejulgamento. Para além do marxismo e do positivismo temos o vitalismo. Essa crítica talvez seja a marca principal de seu trabalho. Desde *Violência totalitária* Maffesoli chama atenção para a compreensão do dinamismo societal a partir do fazer fenomenológico que busca compreender a *centralidade subterrânea* das experiências sociais com olhos destinados à dimensão hedonista, corporal e sensível do mundo. Em *Ritmo da vida* o autor retoma o tema da pós-modernidade a partir de uma afirmativa fundamental para aqueles que como Nietzsche e Galileu acreditam que apesar de tudo, há vida! No entanto, gira!

Palavras-chave: razão sensível; centralidade subterrânea; pós-modernidade

Abstract: *Contemporary Quixotism or the triumph of life* — This work by Michel Maffesoli invites one to doubt the concepts that present prejudice and the prejudgment as analytical categories. For beyond Marxism and positivism there is vitalism. This critique is perhaps the principal feature of his work. Since *Violência Totalitária (Totalitarian Violence)*, Maffesoli has called attention to an understanding of societal dynamism based on phenomenological doing, which attempts to see the *subterranean centralism* of social experiences with eyes aimed at the hedonistic, corporeal and sensitive dimensions of the world. In *Ritmo da Vida*, the author returns to the theme of post-modernity, based on a fundamental posit which he shares with Nietzsche and Galilee, to the effect that: “In spite of everything, there is life! However, it spins!”

Keywords: sensitive reason; subterranean centralism; post-modernity

Na contramão do pessimismo que vigora no pensamento sociopolítico contemporâneo, Michel Maffesoli, em *O Ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*, oferece ao leitor uma análise instigante, provocadora sobre como apropriar-se de uma ética

que busca contínua e metodicamente retomar o sentido do conjunto da vida, evitando os desequilíbrios naturalistas, positivistas e historicistas.

Ao longo dos capítulos apresentados e utilizando uma escrita elegante, mas não menos dura para com alguns pensamentos que ainda privilegiam a racionalidade dualista da modernidade, o autor recupera os conceitos fundamentais de sua vasta obra preocupando-se em alinhavá-los para que o convidado à leitura não tenha dúvidas a respeito de qual terreno estará pisando.

Curioso notar que nessa obra, publicada originalmente em 2004, Maffesoli inicia seu percurso narrativo muito distintamente de suas obras anteriores. Tanto em *O ritmo da vida* como em seu livro recém-publicado pela La Table Ronde intitulado *Le réenchantement du monde: une éthique pour notre temps*, logo no prefácio, assume tom forte e preciso ao tratar aqueles que “incapazes de explicar o imaginário em ação na vida social” (p. 10) acomodam-se em teorias cuja crítica utilitarista, conformista exerce função analítica de partida, gerando não uma possibilidade de acessar o mundo de maneira compreensiva, mas através de preconceitos que paralisam nosso pensar tendendo a se satisfazerem com idéias simples e conclusivas como Karl Jaspers já pontuava em 1913.

O conceito de pós-modernidade, fundamental em sua obra, é retomado como forma de se posicionar dentro do debate intelectual contemporâneo. Esse conceito, proposto por Maffesoli desde seus primeiros estudos de antropologia política (1976), apesar de suscitar polêmicas, é extremamente valioso para o autor, pois este o considera como explicativo de um momento.

Longe de entendê-lo como uma época histórica definida em tempo e espaço, que tenha superado o estágio da modernidade no sentido da análise marxiana, Maffesoli o define como um momento histórico descolado da linearidade histórica, tendo como particularidade a possibilidade de *reencantamento do mundo*, onde o imaginário, o simbólico, o onírico, o festivo e a moda são alguns dos parâmetros que melhor o exprimem por contraposição ao racionalismo positivista científico, que é marca da modernidade.

Contrapõe-se ao “conformismo intelectual” convocando os interessados pela vida cotidiana a se emaranharem no labirinto onde o fio de Ariadne representa o saber enraizado na existência comum. Há neste momento, para o autor, uma conjunção dialógica entre tribo, normas, sentimentos, formas, espírito, corpo e indivíduo (*persona*). Há uma conjunção de tensão entre esses fatores, que compõem a morfologia social. O pensamento que melhor representa esse momento é aquele que parte da aceitação da tensão entre os fatores, não aquele que busca obsessivamente esquematizar o mundo pela separação e divisão destes (pensamento moderno).

Trata-se de um momento em que se convive concomitantemente com os arcaísmos e com o desenvolvimento tecnológico. Essa sinergia de aliar os contrários é que dá o seu tom, longe da linearidade da idéia de progresso da modernidade e cada vez mais

próxima da idéia de uma colcha de retalhos, onde o sincretismo impera. Nele, as imagens cotidianas trabalham sobre arquétipos que estão na pré-formação da vida social, contribuindo à fusão do *pathos*.

O entendimento de *pathos* como o lugar do encontro político que engendra o sentimento da partilha e comunhão com o exercício da comunicação oral, musical ou representação artística, ou ainda a moda, aparece nesta obra de Maffesoli. Assim como para os gregos, Maffesoli utiliza-a para evocar o sentimento, a emoção, a compaixão ou a empatia geradora do élan comunitário-tribal.

Nessa existência sincrética, esse indivíduo se re-conhece e se re-encontra consigo mesmo e com os outros, dentro de um movimento em *moto-continuo*. Seguidamente, identifica-se tanto com um grupo como com outro. Ora faz parte de uma tribo, ora faz parte de outra. Assim, segue costurando sua identidade que já não é mais fixa, mas complexa, junto aos grupos sociais.

Nessa perspectiva, o termo *indivíduo*, como tratado pelos pensadores modernos — como na discussão apresentada pela teoria da reflexividade, cujo maior expoente é Anthony Giddens (1991) —, não parece mais aceitável. Na pós-modernidade é preciso falar, assim como Maffesoli, de uma pessoa (*persona*) que desempenha diversos papéis no seio das comunidades (ou tribos) às quais ela adere ao longo de sua existência. Ao longo do “ritmo de sua vida”.

Pois é a vida, com efeito, que se trata. Indócil, é bem verdade, e algo anômica. E sob muitos aspectos paradoxal. Uma vitalidade fora do alcance das diversas escolásticas modernas e que exalta o sentimento estético e trágico da existência. Uma vitalidade do palpável que remete a uma razão sensível... Os jogos do corpo, a florescência da moda, a erótica multiforme, a importância do festivo, os pequenos rituais cotidianos, o ressurgimento de uma religiosidade iniciática, as redes informáticas de comunicação estão aí mesmo como sinais de uma sociedade de contornos decididamente arcaicos e novos ao mesmo tempo. Onde a verticalidade do poder e a ortodoxia do saber já não têm curso, instala-se uma nova topologia. Horizontalidade da potência, remetendo a um conhecimento heterodoxo (p. 20-21).

Uma nova forma de pensar deve ser eleita entre os intelectuais interessados pela atualidade. Nos tempos em que nada parece estranho, o pensador é conduzido a refletir o cotidiano e suas várias dimensões a partir não de uma reflexão linear, mas de uma espiral do pensamento. Maffesoli argumenta que “são as dobras do mundo” condutoras de um pensamento obcecado pela repetição, pela necessidade de estar-junto consigo mesmo que podem dar condições de compreensão mais real do estar-junto social (p. 26-27).

Essa obsessão de Maffesoli é fruto de um pensar destinado a compreender o *que resta* na vida do homem comum após tantos movimentos políticos, sociais, econômicos, culturais etc. Maffesoli, utilizando-se de Pareto, afirma que o importante é compreender o *resíduo*,

ou seja, aquilo que faz com que a sociedade *funcione*. Aquilo que preserva a *coesão social* mesmo na ocorrência de diversas transformações. Aquilo que, apesar de tudo, faz com que a vida misteriosamente acabe perdurando. Devemos procurar “a coisa que gruda”.

Adesão aos outros, em função dos gostos, das origens, dos sonhos e das histórias ou mitos comuns. Adesão a um território, a uma natureza, a uma paisagem compartilhada. Socialidade de base, comportando uma boa parte de inconsciente não dito, naturalmente, ou de imaginário reivindicado. (p. 27)

Aqui encontramos as dificuldades e desavenças epistemológicas em relação à importância de colocar em evidência a vida comum, o élan onde o “conhecimento ordinário” assume importância fundamental para a compreensão do que é vivenciado pela maioria. Maffesoli, “obstinado” por essa cruzada epistemológica, acaba de relançar seu livro *Conhecimento comum* publicado na França no ano de 1985 e no Brasil somente em 2007. Não à toa o autor propõe essa publicação mesmo antes da tradução para o português de *Reencantamento do mundo*, seu livro mais recente. Assim como em *Elogio da razão sensível* (1996), em *Conhecimento comum* (1985) trata de explicitar e aprofundar o debate epistemológico de sua proposta apresentada em *O ritmo da vida*.

Portanto, ao reafirmar suas preposições sobre a importância de o pesquisador ruminar a respeito do resíduo presente na vida comum como possibilidade de compreensão daquilo que perdura, que gera o ritmo da vida, o autor nos oferece o retorno ao seu texto epistemológico fundamental. É preciso retomar. Seguir os passos anunciados pelo autor, ou seja, retornar à vida. Desvendar o imaginário social através do escavar da experiência comum.

A proposição apresentada no texto é a de que devemos nos distanciar da “prática sacerdotal” assumida por muitos cientistas sociais, intelectuais e jornalistas que a partir de seus postos indicam o sentido derradeiro e o caminho a ser seguido pelos homens comuns, simples, considerando-os incapazes de dar sentido eles mesmos à suas vidas. Para Maffesoli essas teorias que tentam dar conta da universalidade histórica, através de suas meta-teorias, representam a “violência totalitária” que, conforme o autor, “legítima e institucional”, está “sempre em busca, delirante, de uma hipotética ‘cidade de Deus’ ou outra sociedade perfeita” (p. 35).

Para Maffesoli, em oposição à busca pelo progresso, os tempos atuais apresentam fenômenos que apontam para um viver intenso e profundo do presente que retorna aos elementos arcaicos do passado, enraizados em tempos profundos, reacendendo e atualizando desejos, sonhos e mitos. O tempo do futuro é posto em xeque-mate por essa forma de vida. Formas “formantes” de um novo coeficiente societal gerador de “uma significância que não se projeta” (p. 37), se vive no presente. Tempo de relações *presentificadas* que não mais se reconhecem nas aspirações das teorias da emancipação da modernidade e sim no fantástico da vida.

O dadaísmo, o surrealismo e outras vanguardas literárias haviam estabelecido as premissas de uma relação com a vida na qual o lúdico e o onírico tinham seu espaço. Sem que tenhamos necessariamente consciência disso, foram de fato essa “escrita automática” e essa “deriva psico-geográfica” que se capilarizaram no conjunto do corpo social. “Grande jogo” coletivo no qual desaparecem as rígidas barreiras entre sonho e realidade, seriedade e prazer. Importam apenas as *situações*, os bons momentos compartilhados intensamente, no grande jogo da “Divina Comédia”, por tribos cujo lugar pode ser real ou virtual (p. 39).

O pensamento moderno “tropeça” justamente aqui, pois, conforme o autor, ele seria incapaz de “apreender uma vida social sem projeto”. Uma vida na qual o nomadismo conduz ao reencontro com o corpo e o espírito oferecendo a possibilidade do retorno aos rituais em que os homens reconciliem-se com o instinto animal e original. O retorno à terra, ao ventre, às diversas sensações e sensibilidades asfixiadas pela disciplinária modernidade. O retorno, “eterno retorno” nietzschiano garantindo que retomemos nossos rituais cotidianos como fortes espaços de sociabilidade e comunhão societal, ou como propõe Maffesoli, tribal. Portanto, retornar à “simplicidade fenomenológica” pode ser uma forma de pensar original que busca uma visão direta do que é vivido, do *eidós*. Sejamos Quixotes! Parece a máxima dessa obra.

Referências

- GIDDENS, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
MAFFESOLI, Michel (1976). *Logique de la domination*. Paris: PUF.

CÍNTIA SANMARTIN FERNANDES é doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina com Estágio Sanduíche na Université René Descartes/Paris V/Sorbonne. Atualmente realiza estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

cintia@lagoadaconceicao.com

CRISTIANO ROQUE ANTUNES BARREIRA é doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo com Estágio Pós-doutoral na Università Lateranense de Roma. Atualmente é professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, EACH/USP.

crisroba@usp.br

